FILIADAS DO CENTRO N.º 16 — LISBOA

NÚMERO 54

OUTUBRO 1943

Preço avulso 1$00

Assinaturas ao ano 12$00

SUMÁRIO

(Foto Mazzini)

Obra das Mães pela Educação Nacional
(MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA)

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

QUANDO É OUTONO

Outono na natureza: as folhas amarelecidas, por terra, açoitadas...

As árvores a esgalharem-se na dor da renúncia...

E estes morrer dos dias, com o sol a cair para lá dos longes, em torturas de fôgo...

E as terras rasgadas pelo arado, até ao fundo, para que, depois, o pão seja mais rico e mais doirado...

Poesia do outono...

Nostalgias do outono...

* * *

Ainda ontem era Primavera...

Riqueza de verduras e seiva a inundar de farturas os campos e a gente.

Promessas e Esperanças!

A Mocidade da natureza, é a Primavera.

Mas chega depressa o Outono...

* * *

Ó Mocidade louçã e descuidada, a semear Vida e Alegria...

Ó dezoito — ó vinte anos cheios de promessas — tão prometedoras de riquezas e de esperanças, **não te esqueças** chegará também o teu outono...

Um dia a vida começa a pesar mais para a terra...

...e logo os olhos se encherão de nostalgias a olharem lá para trás, lá muito para longe...

...e talvez cheguem também as torturas de não ter feito uma **vida plena** — em plenitude de virtudes —
de tôdas as virtudes...
de tôdas as virtudes...

Como serão desoladores — meu Deus, os outonos das vidas que não chegaram a ter primaveras!...

* * *

Faz parte da vida — o envelhecer.

E envelhecer, depois de ter cumprido honradamente, deve ter tôda a divina poesia das horas calmas — com o Senhor no coração, contente connosco.

Ó poeira clara dos cabelos brancos a coroarem anos de Pureza e de Trabalho:
sem traições à consciência...
sem cobardias ao dever...
sem rugas na alma...
sem podridões no coração...

Ó poeira clara nos cabelos brancos — da brancura irmã da Graça de Deus, como precisas de aparecer mais cá pela

Ao fim da subida...

(Foto Alvati)

terra para se enamorarem de ti os olhares virginais da Mocidade!...

* * *

Fazer a última caminhada, contente, a vêr o Fim, lá adiante...

Fazer a última caminhada, devagarinho, como quem medita, a falar consigo mesmo o grande monólogo da vida que lá vai — mas que não envergonha...

Fazer a última caminhada, a pouco e pouco, como quem pára para falar ao Companheiro que vai connosco, na Paz da consciência...
a dialogar com Êle...
a agradecer-Lhe...
a louvá-l'O...

* * *

Depois: **Morrer!...**

Ficar-se a gente a meia conversa que continua Lá...

Nem darem pelo último sôpro de vida, tanto foi adormecer n'Êle...

Entrai assim na Eternidade!...

* * *

As tardes de outono dão para a gente se demorar o pensamento e os olhos nos longes infinitos de Deus...

Para a gente pensar que chega sempre um dia êsse outono da vida...

e que, por isso, vale a pena fazer uma juventude alegre e santa — santa! — para um dia se não ter de arredar os olhos do Sol a morrer em sangue no horizonte fronteiro...

— nem tropeçar a cada andada como quem não se treinou bem para a arrancada derradeira da Altura.

A G

Notícias da M. P. F.

Reabertura dos Centros

REABRIRAM os Centros da M. P. F. Dispersas durante as férias, as filiadas tornam a encontrar-se para retomar as suas actividades e recordam talvez, nesta hora da chegada, a última reünião festiva da despedida — que deixou saüdades!

Seria bom que desde já se começasse a pensar na conveniência dos Centros encerrarem os seus trabalhos com uma festa que seja uma demonstração do aproveitamento das filiadas e da vida intensa da organização.

Essa festa, projectada com antecedência, será um estímulo para as dirigentes e as filiadas.

Muitos Centros teem já, como uma tradição, a sua festa de encerramento e outros realizam essa festa na abertura das actividades do Centro; dum modo ou doutro, é exemplo digno de seguir-se.

Passa a Mocidade
Alegre a cantar,
Corações ao alto
A Pátria a saüdar (1).

Nestes peitos jòvens
De nobre ansiar
Portugal eterno
È sol a brilhar (2).

(1) e (2) — Versos do hino «Glória a Portugal», música da ilustre compositora D. Emília Rezende, que foi cantado na festa de encerramento das actividades da M. P. F. no Centro n.º 16 de Lisboa (Colégio do Sagrado Coração de Maria). Êste hino, cuja música e letra são de grande vibração patriótica, poderá servir para outras festas semelhantes.

Passeio da M. P. F. de Portimão para encerramento das actividades e confraternização das filiadas

Parte das filiadas tomaram lugar nas típicas carrinhas algarvias

No passado dia 22 de Maio, realizou a M. P. F. um passeio a um sítio denominado «Ribeira de Bóina», aprazível arrabalde da cidade de Portimão.

Nele tomaram parte as filiadas dos Centros N.^{os} 1 e 3, uma representação do N.º 2, algumas Instrutoras e as Ex.^{mas} Dirigentes.

Logo que foi lançada a idéa, começou a reinar um verdadeiro entusiasmo entre todas, para que êsse dia se passasse em franca alegria e boa camaradagem num ambiente risonho e familiar.

8 horas duma manhã clara de luz branda e meiga. Ao despontar dêsse dia radioso de primavera, começou a organizar-se a partida. Cêrca de 80 filiadas (entre elas 40 lusitas) tomaram lugar nas típicas carrinhas algarvias e muitas outras seguiram de bicicleta.

Pela estrada pitoresca que conduz à estância termal das Caldas de Monchique, — lugar previligiado dêste nosso Algarve, — a Mocidade seguia satisfeita, tagarelando numa alegria louçã, que ainda mais se acentuou com a chegada ao local desejado, onde as sombras dos eucaliptos e as águas frescas da ribeira faziam o encanto de tôdas.

Depois de elevado o pensamento a DEUS numa Prece de protecção e agradecimento, a faina para preparar o almôço começou, e, à voz amiga duma ordem, tôdas correram ligeiras a arranjar lenha para se acender o lume.

E que engraçado quadro! O rancho alegre das raparigas invadiu aquêle recanto à margem do riacho, enchendo tudo duma viva algazarra e policromia de tons num cenário de luz e poesia.

Meio dia! Os lábios murmuram «AVÉ MARIA»...

A refeição do almôço, cozinhada ao ar livre, é saboreada com verdadeiro apetite.

Falaram em seguida 4 filiadas, representando cada uma o seu escalão, para agradecer, reconhecidas, às Ex.^{mas} Dirigentes e Instrutoras, todo o carinho e atenção que à M. P. F. teem dispensado.

A tarde decorre serena, tranqüila, o sol dum brilho incomparável reflete diversas tonalidades de oiro nas águas sussurrantes enquanto, ao longe, ecoam pelo espaço as alegres canções dos jogos infantis, misturando-se com gargalhadas cristalinas.

Chega depressa a hora do regresso, o sol declina, e cantando e rindo, lá vão as filiadas de Portugal levadas pelo nobre ideal de... CUMPRIR... SABER CUMPRIR.

Trindades, soam as Trindades, as almas oram a DEUS, findou o dia! Mas a recordação inolvidável dêste belo passeio, viverá sempre no espírito da M. P. F. de Portimão.

A Directora do Centro N.º 3 da M. P. F.

Maria José Caracol Mascarenhas

Outras seguiram de bicicleta e a pé

Na faina de preparar o almoço

Relatório das Actividades da M. P. F. de Portimão

No dia 1.º de Dezembro, na Igreja Matriz, celebrou-se a Missa que foi cantada pelas Filiadas. Na tarde houve exposição dos trabalhos, que constou de 2 berços e respectivos enxovais, além dêstes, mais 41, no total de 424 peças.

No dia 8 houve também missa cantada pelas Filiadas. À tarde assistimos à inauguração do «Lar da Criança» de Portimão, onde foi feita a distribuição dos berços e enxovais às criancinhas mais necessitadas. Há noite realizou-se um recital pelas Filiadas que foi coroado de êxito.

A novena que precedeu a Festa de N. Senhora da Conceição foi acompanhada com cânticos pelas filiadas da M. P. F., que também se encorporaram na Procissão dos Passos.

No dia 13, na missa da M. P. F., foi lida por uma filiada a Consagração da M. P. F. à Sagrada Família.

Nesta Ala abriram-se êste ano mais dois Centros. O Centro n.º 3 da Casa dos Pescadores de Portimão, e o Centro n.º 4 do Sindicato dos Operários Conserveiros. Inscreveram-se além das alunas dêstes Centros, as alunas das escolas particulares e postos de ensino, que foram no total de 169 filiadas, mas não é possivel abrir mais Centros devido à falta de Instructoras de Lavores.

Com a extinção da Associação Escolar coube à M. P. F. alguns móveis e a administração da Cantina e Bufete, que por sinal se tornou um tanto difícil, pois em vista dêste Liceu ser de pouca freqüência e não contarmos com nenhum subsídio, chegámos ao fim do ano com um lucro de 49$20, lucro êsse que ainda tem de ser dividido com a M. P.

Num sábado de tarde fomos visitar o Bairro dos Pobres, depois seguimos para a Praia da Rocha. E então é que era ver a alegria das raparigas, das mais velhas às mais pequenitas, numa alegria louçã, por se verem ao ar livre. Foi uma tarde divertidíssima, em que brincámos, rimos, cantámos, sob a meiga vigilância das nossas queridas Dirigentes.

No dia 22 de Maio realizou a M. P. F., a um sítio denominado «Ribeira de Boina», um passeio para encerramento das actividades e confraternização das Filiadas. (Segue descrição feita por uma das nossas dirigentes).

Autorizadas pela nossa Ex.^{ma} Delegada, freqüentaram 9 Vanguardistas e Lusas o Curso de Puericultuua da 3.ª Secção do «Lar da Criança» de Portimão. A seguir transcrevemos uma parte do ofício que recebemos, no que respeita ao aproveitamento das mesmas:

«Aproveito a oportunidade para gostosamente transmitir a V. Ex.ª as palavras de justo louvor com que o Director do Dispensário de Puericultura se refere aos serviços prestados pelas Filiadas da M. P. F.

A Direcção do «Lar da Criança» pede a V. Ex.ª se digne comunicar às filiadas que o seu comportamento foi classificado de BOM pelo director dos serviços de puericultura que propôs ainda fôsse dirigido um agradecimento especial às mesmas filiadas «porque, em diferentes circunstâncias, prestaram valiosos auxílios aos trabalhos do Dispensário».

Não pudemos realizar nenhuma exposição na Sub-Delegacia devido às nossas Filiadas extra-escolares terem o seu tempo muito sobrecarregado com a aula de Lavores, de que são Instrutoras, e as escolares disporem apenas da aula dos sábados. Por esta razão apenas pudemos mandar para o VI Salão de estética os cadernos de Moral.

Com autorização prévia da nossa Ex.^{ma} Delegada, alugámos uma pequena casa para sede da Sub-Delegacia, onde quási diàriamente se reunem as nossas Dirigentes e grande número de filiadas que ali vão ler revistas e livros comprados para êsse fim. Encontra-se aberta das 2 horas às 6 e para isso está encarregada a nossa chefe de castelo, que recebe uma pequena remuneração da Sub-Delegacia e do Centro n.º 1.

No passado dia 24 de Junho, depois da Missa da M. P. F., batisaram-se 4 Filiadas do Centro n.º 2, das quais foram madrinhas as nossas Lusas. A seguir foi a nossa casa Consagrada ao Coração Imaculado de Maria e Sagrado Coração de Jesus.

O Sr. Prior fez a Consagração e a seguir dirigiu algumas palavras de louvor às nossas Dirigentes pela maneira carinhosa com que desempenharam a sua missão.

Filiadas do Centro da M. P. F. do Colégio de Vila Pouca — Guimarães
1 — Preparando uma refeição para os pobres

Filiadas do Centro nº. 1 que tomaram parte na canção "A Vareira"

Filiadas do Centro nº. 1 na opereta "As Filhas de Eva"

BORBA Em Fevereiro p. p. as filiadas dêste Centro deram duas récitas que muito agradaram e cujo produto reverterá a favor das mais pobrezinhas e que mais assidüidade e bom comportamento tenham mostrado dentro desta organização. A distribuïção será feita na abertura do próximo ano lectivo, numa festinha que para êsse fim se levará a efeito.

No dia 4 de Abril findo, quási tôdas as filiadas cumpriram o dever pascal, comungando na sua totalidade. Em seguida foi-lhes oferecido o pequeno almôço na séde da J. C. F. (gentilmente cedida para isso); constando de cacau, pãezinhos com marmelada, bôlos e rebuçados.

No dia 13 tôdas tomaram parte nas festividades que aqui se realizaram em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Todos os sábados recebem a sua instrução moral e quási tôdas têm organizado os seus cadernos ilustrados com desenhos.

No próximo ano contamos, com a ajuda de Deus, fazer mais e melhor.

A Directora do Centro

GRANDES CORAÇÕES

ELISABETH LESEUR

A ESPÔSA

"NÃO é bom que o homem esteja só", dissera Deus ao crear a primeira mulher. E se já no paraíso terreal a felicidade de Adão não seria completa, não tendo ao lado o carinho da mulher, quanto mais neste mundo cheio de abrolhos e de espinhos carece o homem de alguém que o ampare na luta, o console dos desenganos, o distraia no trabalho, o rodeie de cuidados, que seja para êle, '*o forte, a fraqueza* que gosta de proteger, mas ao mesmo tempo, por singular contraste, a fôrça que nas horas em que os mais valentes caem lhe dê coragem e ânimo.

Eis o papel da espôsa! Eis o que foi Elisabeth Leseur para o marido. Nossa contemporânea, pois faleceu em 1914, Elisabeth parece ter sido suscitada por Deus numa época em que o papel da mulher no lar é pôsto por muitos em segundo plano, senão em quinto ou sexto!

E também a sua vida prova exuberantemente que não é só no claustro que as almas são chamadas à perfeição, mas que Deus pede essa perfeição a cada um, segundo o seu estado.

Elisabeth Leseur era inteligentíssima, muito culta, falando várias línguas e metendo nos seus dias ocupadíssimos tempo para o estudo e até para a *correspondência*. Vestia com elegância, acompanhava o marido na vida da sociedade, que êle muito apreciava, e recebia no seu lar, ao que se dedicava como óptima dona de casa, com grande distinção e encanto singular.

O marido, anti-religioso, com ideias agnósticas e racionalistas, tudo fez para lhe tirar a fé, quási o conseguindo, mas ela refez com sólidas leituras a sua educação religiosa, voltando completamente para Deus: daí em diante a sua vida seria a duma santa, mas dessa *santidade a valer*, que não pesa a ninguém, e que é

ELISABETH LESEUR

radicada no mais escrupuloso cumprimento do dever quotidiano.

Amando o marido com amor conjugal cheio de ternura e carinho, ela tremia pela salvação daquêle que continuava a professar ideias as mais antagónicas à fé católica e que se gloriava da sua irreligião.

Muitas outras, sob o pretexto de zêlo, teriam tornado a vida comum num inferno e assim afastariam o marido cada vez mais de Deus.

Mas não. Elisabeth, guardando no fundo da alma os sentimentos religiosos que eram a sua vida, sabia defender sem respeito humano, mas com serenidade e sem ofender as convicções alheias, a sua fé quando abacada!

A ternura pelo marido continuava intacta e rodeava-o de todas as atenções dum coração de espôsa, que se sacrificava com um sorriso sempre nos lábios. Sequiosa às vezes de solidão, e para mais doente, nunca se recusava a segui-lo na vida de sociedade, sem mostrar enfado nem mau humor.

Sempre de saúde abalada, os últimos anos foram de doença dolorosa e grave, que a reteve primeiro na *chaise-longue* e depois na cama. Foi então o apostolado do sofrimento; no seu leito de dôr Elisabeth continuava a atraír todos pela inteligência, pela bondade, pela amizade, e tudo isto santificado por uma vida interior intensa que ela não revelava, mas que transparecia.

E se ela resava e sofria por todos, pelos pecadores, pela Igreja, pelos amigos e a família, o marido era a sua primeira e mais querida intenção. Vemos no seu diário que se oferecera inteiramente a Deus, para que o seu sofrimento e a sua morte reconduzissem à fé aquêle que no dia do casamento ela jurara respeitar, acompanhar sempre e amar até ao sacrifício!

....

O *Père Leseur*, o Dominicano que muitos de nós ouvimos em Lisboa, a falar com enternecida gratidão daquela a quem devia a graça da conversão e da vocação religiosa, eis o fruto do apostolado do coração duma espôsa.

V. P.

(Foto Augusto Marques)

O teu ideal

SOBRE os bancos abandonados dos parques e jardins acumulam-se as fôlhas mortas. E com a chegada do outono mudou também a nossa vida. Acabaram-se os alegres passeios pelo campo e as manhãs radiosas da praia; acabaram-se as horas repousantes duma preguiça que não é pecado...

Somos de novo chamadas a trabalhar na Escola ou naquele campo de actividade onde o Senhor nos marcou o nosso lugar. Entramos de novo nas realidades sérias da vida.

Filiada da Mocidade, que trazes contigo nesta hora de regresso? Mais saúde e mais energias para o trabalho, assim o esperamos. Mas só isso?!

Não trouxeste também das tuas férias — sobretudo se elas foram passadas numa «Colónia» da M. P. F. — o desejo duma vida mais perfeita?

Agora, que vais começar o teu ano, é necessário colocares-te desde já diante do ideal que pretendes atingir.

Compara êsse ideal com o que tem sido a tua vida até aqui e traça o teu programa *pràticamente*.

Se êsse ideal se não torna a norma da tua vida e não regula a tua conduta, não passa duma fantasia — não é um *verdadeiro* ideal!

O verdadeiro ideal é aquêle que toma uma forma determinada dentro da nossa própria vida, aquele que se adapta à nossa personalidade e à nossa existência ordinária.

O teu ideal não deves pô-lo nas nuvens: deves trazê-lo no coração.

Julgas que assim o apoucas, reduzindo-o às proporções da vida comum?

Estás enganada! A santidade não consiste no extraordinário, mas nos actos simples da nossa vida de cada dia elevados até Deus pela pureza da nossa intenção e a perfeição que pomos na execução do que fazemos.

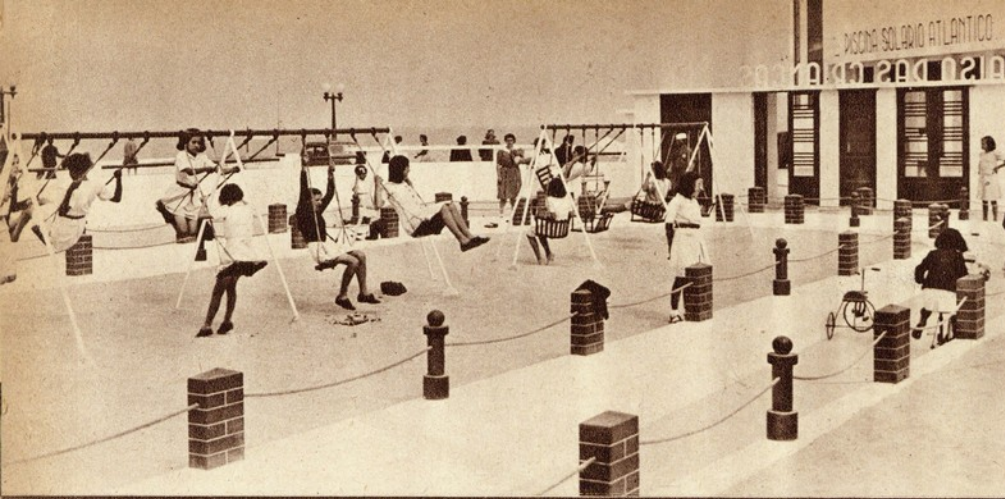
O teu ideal de estudante não deve ser apenas *passar:* mas ser uma estudante distinta. E não deves também pôr a tua ambição só nos *valores* mas no desejo de aprender para te *valorizares* intelectualmente.

O teu ideal de filha, de irmã, de companheira, não deve ser apenas o desejo de evitar repreensões ou contrariedades: deves desejar ser a consolação de todos aqueles que contigo vivem, sendo boa, carinhosa, prestável, até ao sacrifício de ti mesma.

O teu ideal de cristã, não deve resumir-se na missa ao domingo: deve ser um anceio de vida divina, que te leve a praticar o bem e a conservares-te unida com Deus na aceitação da Sua vontade e na intimidade da oração.

Vais entrar num novo ano de trabalho. Mas não deixes absorver a tua atenção de tal modo na actividade exterior que te esqueças que tens uma alma!

Se desprezas o dom de Deus — a Sua graça que diviniza a tua vida — então, sim, a tua vida cairá na banalidade. E tu não queres ser banal, pois não, Filiada da Mocidade?

Maria Joana Mendes Leal

Na Piscina — Terraço das crianças — grandes e pequenas divertem-se e brincam

Universitárias e Graduadas do Pôrto no regresso da Colónia de Viseu, de visita à Colónia de Espinho

O mar de Espinho transformou-se em lago em honra da M. P. F.

Arraial minhoto na festa de despedida

Colónia de Férias da M. P. F. em Espinho

Na praia a brincadeira continua

QUEM, melhor do que as próprias filiadas que nela viveram, nos poderá falar das Colónias de Férias da M. P. F.?

Vamos servir-nos de várias narrativas que nos foram enviadas para descrevermos um pouco o que foi a vida na Colónia de Espinho. (1.º Turno). Alegria. Alegria. Alegria. É a expressão dominante de tôdas as cartas e descrições.

Alegria, logo ao despertar, pensando em tanta coisa boa que dêsse dia se espera.

Alegria na partida para a praia, alegria nos passeios pelos pinhais; alegria nos jogos e brincadeiras; alegria nas refeições. Alegria que faz rir, cantar e dançar, alegria que leva a dar graças a Deus, do fundo do coração.

Tudo é bom — e vive-se contente!

«Mal a aurora despontava, a sonora campaínha vinha alegremente anunciar-nos o dia — escreve uma filiada. Os nossos primeiros pensamentos subiam para Deus na oração da manhã.

Depois do pequeno almôço, era o içar da nossa Bandeira querida, momento para nós tão solene...»

Uma outra filiada conta; «Antes de sair, deixamos em ordem o nosso dormitório, com as suas camas de lindos e branquinhos cortinados. As mais desembaraçadas, teem ainda tempo para uma partida de *tennis* e há sempre quem toque umas notas no piano, ainda que seja só com um dedo! E lá vamos para a praia, anciosas pelo sol e desejosas do banho de mar. Mas, primeiro, um pouco de ginástica, jogos, etc. E as horas fogem... Almôço. Descanso. Depois da merenda, passeios pelos pinhais. E ao findar o dia, uns momentos de recolhimento na igreja de N.ª Senhora da Ajuda para rezar o terço. «Ali — escreve outra filiada — orávamos ardentemente por todos, e especialmente pelos que andam sôbre as águas do mar e pela paz; e, com a consciência tranqüila, voltávamos alegremente para casa».

«É assim os dias se sucediam uns aos outros — diz uma filiada — sem que nós déssemos por isso!»

Mas embora todos os dias fôssem felizes, nem todos eram iguais, e, de vez em quando, a surpreza dum passeio mais longo ou a organização duma festa vinham aumentar ainda a alegria e o entusiasmo.

E um passeio à barrinha de Esmoriz, cuja travessia do rio, feita em barcos, encantou a tôdas. É a merenda no pinhal, cheio de sombra. É a visita de estudo à *Fosforeira Portuguesa* «onde vimos — conta uma filiada — o enorme trabalho que uma pequena caixa de fósforos custa».

É a visita ao Campo da Aviação, onde, cheia de importância (!) uma filiada diz à sentinela: «Diga ao senhor Comandante que somos da Mocidade Portuguesa Feminina!» *Abre-te Sezamo!* E logo lhes é gentilmente permitida a entrada e são-lhes dadas tôdas as explicações àcêrca dos aparelhos.

É a festa da despedida. Um *arraial* animado, com a assistência das Dirigentes, filiadas e suas famílias.

«O arraial decorreu com a maior animação — uma filiada — tendo-se dificuldade em optar pelo *Verde Gaio*, o *Vira*, o *Corridinho*, etc.»

Mas não nos podemos alongar mais, repetindo tudo o que da Colónia nos comunicaram. Terminaremos, pois, com estas palavras com que uma filiada remata também as suas impressões: «Que melhor vida se pode levar, que a da Colónia de Férias da M. P. F.? Oh! como é bela a *Mocidade!*»

Sim, como é bela, e boa, e útil a *Mocidade!*

Bela, porque apresenta às raparigas um ideal alto, num tempo em que se encontram tantas almas rasteirinhas!

Boa, porque lhes dá alegria de viver.

Útil, porque no cumprimento dos seus deveres as raparigas aprendem a servir.

As «Colónias de férias» não são apenas dias de repouso e recreio: são também escolas de formação.

Guida

RAPARIGA DE HOJE

Por uma linda tarde de fim de verão em que os primeiros sintomas de outono punham a sua nota nas fôlhas vermelhas da vinha e nos farrapos da gaze com que as nuvens enfeitavam o azul transparente do céu, no terreiro da Quinta do Paço havia a maior animação.

Em plena vindima, ouviam-se ao longe os cantos das raparigas, que a faziam empoleiradas em escadas, em tôdas as ramadas da quinta. O sr. Manuel da Lage, o hábil carpinteiro, que tão artista se mostrara ao fazer a porta da Capela e o lindo armário do quarto de D. Maria de Mascarenhas, passava a costumada revista a tonéis e vasilhas, acompanhado do tio Jacinto e do sr. Albuquerque que ouviam atentos as suas explicações.

Na larga varanda, comodamente sentadas, D. Maria e D. Elena trabalhavam no inseparável "tricot", conversando com D. Lucinda e o Dr. Menezes que tinham vindo passar a tarde à quinta.

João Manuel e os três rapazes Menezes jogavam uma partida de "tennis„; Maria Adelaide e Guida estavam junto das vindimadeiras. Encostados ao portal, grande e brazonado, os dois cèguinhos que todos os anos vêm desde Melgaço, dando os seus concertos, tocavam e cantavam as suas ingénuas cantigas, que deliciam D. Elena. Grandes risadas se ouviam do lado da preza e Maria Adelaide e Guida apareceram, còradas e alegres, debaixo dos seus grandes chapéus de palha. Guida trazia na mão uma travessa cheia de cachos de uvas, doiradas e transparentes, umas, negras e gotejando rubis, outras.

O tio Jacinto, encantado de ver o fruto dos seus trabalhos, pois conseguira com enxêrtos ter tão boas uvas de comer como as do Douro, ou do Sul, subia as escadas com as pequenas, quando do portal se ouviu uma voz forte dizendo: "Santas tardes lhes dê o Senhor„. E a figura alta e desempenada do sr. Prior avançou pelo terreiro, recebido com exclamações de alegria e respeito, como sempre é recebida a sua visita de pároco e velho amigo.

Alegre e bem disposto, inteligente e culto, é um bom conversador com quem todos se entendem às mil maravilhas.

— Maria, já podemos jogar uma sueca — disse tio Jacinto.

— Não é para jogos que aqui venho hoje, é para tratar dum assunto desta menina — respondeu o bom Prior.

— De mim, sr. Prior? — preguntou Guida.

— Não doutorasinha, não é de ti; de ti trataremos daqui a pouco, quando pensarmos no casamento.

Guida còrou, o que fez ecoar as gargalhadas do alegre sr. Prior, que todos acompanharam, menos D. Elena, que via na sua Guida sempre um "bébé„ e olhava prematuras aquelas graças.

— É aqui da Laidinha — e voltando-se para D. Elena acrescentou: Não me disse que gostava que ela fizesse a 1.ª Comunhão aqui na Capela? Pois bem, está aqui de passagem por quatro dias o sr. Bispo de XXX, que como sabem é da nossa aldeia e eu lembrei-me que ela a fizesse agora. Já está preparada e muito bem.

— Mas não temos tempo para arranjar nada — disseram as senhoras.

— Claro que têm; no campo, há economias e não lhes falta com que fazer um almôço. Hoje é 2.ª feira; na 4.ª feira é a comunhão. O sr. Albuquerque vai agora comigo pedir ao sr. Bispo para aqui vir.

— Vou com o maior prazer.

— E eu também — disse o tio Jacinto.

Laidinha saltava de contente; as senhoras, aflitas com os preparativos a fazer, eram animadas por D. Lucinda, que se ofereceu para as vir ajudar nos preparativos.

Tôdas foram ver o que era preciso, e enquanto os homens saiam para a visita ao sr. Bispo, no que os acompanhou o Dr. Menezes, as senhoras fizeram uma lista das compras que da cidade viriam.

No dia seguinte era enorme o alvoroço. D. Maria desde pela manhã que fazia a Maria Adelaide uma espécie de retiro, preparando a sua alma inocente para a Grande Visita do Mestre e Senhor.

O sr. Albuquerque e o tio Jacinto tinham ido a Viana tratar das compras.

Guida, João Manuel e os três rapazes Menezes encarregaram-se de enfeitar a Capela, mobilizaram a garotada da aldeia, que percorria a mata para trazer verduras. O jardim ficou despojado de flores.

Guida, com um gôsto extraordinário numa rapariga tão nova, dirigia a ornamentação e todos obedeciam às suas indicações. Em pouco tempo a Capela, cheia de verduras esmaltadas de dálias brancas e rosas, estava linda.

O tapete nos degraus, damascos no púlpito e no côro, davam-lhe o aspecto dos dias solenes. Guida e os rapazes reviam-se na sua obra.

Mas Guida não tinha tempo a perder e foi correndo ter com D. Lucinda, que na copa arranjava as flores para as salas e para a mesa, enquanto na cosinha D. Maria e D. Elena, ajudadas pelas criadas tôdas, batiam ovos e preparavam doces.

Guida teve uma idéia e foi dizer à Mãe.

— Nós podíamos jantar hoje na sala de estar e já ficava a mesa posta. D. Maria e D. Elena concordaram e Guida correu a estender a linda toalha bordada na mesa e ajudada por D. Lucinda e uma das criadas dispuzeram loiças antigas, cristais e pratas, que as flores dum grande centro, que partia em festões pela mesa, realçavam com a sua frescura e beleza.

Quando à tarde Lucinda e as filhas partiram do automóvel, já estava tudo em ordem e no caminho cruzaram-se com as donas da quinta, que traziam o carro cheio de embrulhos.

Na manhã seguinte, bem cedo, já havia movimento no solar. Guida correu à Capela a ver se durante a noite nada teria estragado a decoração artística; tudo estava em ordem. Na sala de jantar o mesmo sucedeu e dirigiu-se ao seu quarto a fazer a "toilette„, um simples e elegante vestido de "foulard„ azul claro com pin-

(Conclui na pág. 15)

(Foto J. M. Moreno)

Quadro de JOSÉ LEITE

CANÇÕES DOS RIOS

(DOURO)

A voz de Portugal vibra tôda exuberantemente nas canções dulcissimas dos seus rios.

Quem a não ouve?

E' tão bom ser português, diz ela — como português é ser bom.

E continua a cantar em notas simples da frescura que nos embala e encanta, deslisando mansamente por montes e vales.

Nos caminhos viçosos e sussurrantes, a água límpida suspira e brinca risonha ou melancólica, gemidos sonhadores e férteis.

Ouve-se nela a alegria magnânima da terra que se deu às múltiplas sementeiras de flôres e frutos. Rescendem ao sol aromas sádios.

E a canção do rio lembra a do Amor fecundo. E' nobre como o direito que Deus dá a cada homem de gozar o seu quinhão de felicidade terrestre.

A água corre... a água canta... Serpeia agora ao luar cândido e triste com o seu curioso séquito de pirilampos e de perfumes subtis. A melancolia do irreal entorna em redor a nostálgica ansiedade do Céu e as árvores espalham sombra azul na claridade da noite dilacerando a chaga viva da nossa saúdade. A canção do rio transforma-se em soluçar profundo.

. . . .

Nunca a humildade da nossa pena saberia dar às Canções dos rios o esplendor que elas merecem.

Por isso deixaremos antes falar delas o pintor que tão bem as escutou, as compreendeu e as deixou fixadas. José Leite, o artista das águas, o pintor dos rios de Portugal, foi uma vez de Entre Rios ao Pôrto em barco escolher motivos para os seus quadros. E descreve assim o Douro.

«*...carreguei a bagagem e por uma quente e linda tarde de Setembro larguei do Torrão, com o Samuel* (meu moço e guia) *dois remadores e... um mundo de esperanças a tumultuar-me o cérebro!*

O sol espalhava na ondulação das águas milhares de palhetas de ouro que se multiplicavam e se repetiam sem cessar. Navegávamos sem luz. E começou a descida lenta, ao ritmo cadenciado dos remos

Cada curva do rio era um motivo novo deliciosamente composto. A cada volta surgia um aspecto mais belo, mais interessante. Ora os montes resvalavam escarpados a prumo — ora se cobriam de densos arvoredos, se estendiam em verdes tapetes que vinham mergulhar na água. Entre duas serras os longes eram alacres, fluidos como absorvidos na luz intensa. Aldeias muito brancas com as suas igrejas ladeadas de torres salpicavam o veludo quente dos pinhais escalonados pelos declives.

E cá em baixo — no Douro — longas linguas de areia, surgiam da água com uma nota vibrante de côr quási luminosa.

Cada vez mais belas as margens do rio se iam mostrando.

A tarde vinha caindo docemente, as cristas das serras acentuavam o seu bizarro recorte, num céu côr de ouro. Alturas da Lomba.

O quadro era simples e grandioso. Grande de mais mesmo, para os dois palmos de tela que tinha no cavalete... A basta toalha das águas era côr de opala onde corriam frémitos de lilaz.

Do sopé dos montes — ao fundo vinham largas ondulações de um verde sombrio que zebravam tôda a superfície. E logo as massas poderosas do arvoredo subiam numa gama carregada — de azuis, de verdes, de violetas e os cumes cada vez mais nitidos detalhavam-se no oiro candente do céu.

Num esfôrço intenso e febril pintei enquanto houve luz, tentando dar tôda a riqueza tôda a doçura infinita daquela hora melancólica. O ar era como uma poalha de ouro que ascendia, se evolava para o céu».

Evolou-se também para o Céu a alma do Artista que melhor soube ainda compreender as canções dos rios de Portugal.

E ao recordar (mergulhados os olhos em poalha de lágrimas) a beleza da canção do Douro assim maravilhosamente descrita e interpretada não nos parece demais repetir que a voz de Portugal vibra tôda nas canções dos seus rios: É tão bom ser português!...

Berta Leite

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
ILUSTRAÇÕES DE GUIDA OTTOLINI

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

(Continuação)

VII

Já haviam passado quatro meses desde que a família Santos se instalara na Casa da Tôrre; e agora, em plena época de férias, tôda a rapaziada se juntara ao grupo das raparigas. Como era natural, já alguns daqueles corações juvenis batiam uns pelos outros, ao sabor dos seus sentimentos...

Nuno de Brito sentira desde sempre uma enorme atracção por Helena; e a velha amizade de infância, que fazia das duas crianças companheiras inseparáveis transformara-se, ultimamente, num amor profundo.

Infelizmente, porém, essa transformação não se dera em Helena, para quem Nuno continuava a ser apenas um irmão muito querido. Hugo, ainda bastante acriançado, resolvera dedicar-se a uma das meninas Santos; mas, como isso era um propósito absolutamente alheio a qualquer sentimento verdadeiro, hesitava entre Lisette e Suzette e era troçado a todo o momento pelos irmãos.

— Ao menos vê se consegues dar-lhes nomes portugueses, já assim se torna útil o teu ridículo namôro — observou Joaquim.

— Eu não aprovo nada essa maneira de proceder, Hugo — interveiu D. Maria da Luz, quando, um dia, ouviu discutir as duas irmãs com desusado calor.

— Não se deve brincar com os sentimentos das raparigas; e quanto menos dão que falar, melhor para todos — concluiu.

— Já o dizia Madame de Sevigné — disse João, que se prezava de ter mais cultura do que os irmãos, embora vivesse na aldeia.

— Que história é essa, ó sábio? — preguntou Pedro, sentado a lêr e a fumar no fundo da sala e que se mantinha alheio à discussão.

João recitou em bom francês:

— «J'ai un fils dont tout le monde parle, et une fille dont on n'a jamais parlé». Assim dizia Madame Sevigné dos seus filhos...

— Acho muito bem — tornou a mãe — e espero que tu, Hugo, não esquecerás nunca que és um «gentleman».

— Oh Mãe, eu não lhes faço mal sendo amável com ambas! — respondeu Hugo.

— Ser amável é uma coisa; exagerar essa amabilidade é outra...

E D. Maria da Luz saiu da sala para ir dar ordens várias.

— Ainda bem — declarou Mário, que jogava o xadrez com Manuel — que os Santos adiaram a festa estupenda para êste mês; se tivesse sido em Junho nós não apanhávamos nada.

— Vêm aí as manas com o rancho todo das meninas — anunciou Alberto, instalado a ler no banquinho de pedra do vão da janela.

Pedro, aborrecido, levantou-se da sua cadeira.

— Você vai-se embora? — preguntou, Hugo, troçando.

— É para fugir ao olhar incendiário da Zé?

— Tomára que me deixem lêr socegado. O que mais aprecio quando estou no Pinheiro é o socêgo e a leitura; mas vocês só gostam de andar sempre no rebanho das meninas — resmungou Pedro, saindo para o jardim.

As raparigas entraram em alegre grupo, e Helena logo exclamou:

— Lá vai o Pedro a fugir; urso! — gritou para o jardim.

— Fera! — respondeu Pedro, já de longe.

— Vamos falar dessas coisas tôdas, meninas — propôs Lisette.

— O papá já decidiu que a festa é no último Domingo de Setembro — declarou Suzette, empoando-se ao espelho. — A ceia vem do Pôrto, com criados e tudo.

— Para a semana chega o Boris, sabem quem é? — preguntou Lisette. — É um russo muito fino que o papá conheceu não sei onde. É quási príncipe, imaginem! e dantes era qualquer coisa importante no próprio Palácio dos Czares da Rússia!

— O quê, Lisette? — acudiu Hugo, sentando-se ao lado dela — então não pode ser rapaz novo o tal russo. E o que faz o homem? Trabalha? — Lisette encolheu os ombros e respondeu:

— Sei lá o que faz o tipo; é russo, é bonito, sabe dançar e fala português como nós.

— É quanto basta, concluiu Suzette, a rir.

— Mas é estranho... — comentou Joaquim.

— Eu gosto de conhecer estrangeiros — disse Helena, pensativa — são diferentes de nós; é sempre interessante, não é?

— E de que consta a festa, Suzette? Música? dança? que mais? — preguntou Hugo.

— O papá vai marcar as horas nos convites; começa às cinco de tarde e ao princípio ficam todos no salão. Depois, ouve-se uma trompa de caça ao longe...

— Uma trompa de caça! — gritaram, — mas não há caçada!

— Deixá-lo, é a fingir que há; que tem isso? — e Lisette olhou-os com indignação.

— Não se zangue, Lisettesinha, fica feia com o nariz assim franzido — disse Hugo com meiguice.

— Quando tocar a tal trompa na mata, vão para lá as pessoas tôdas a duas e duas — tornou Lisette.

— Chêque mate! — gritou Manuel, terminando o xadrez; e os gémeos vieram juntar-se ao grupo.

— Estávamos quando iam todos juntinhos de braço dado — tornou Hugo enfiando o braço pelo de Lisette, que, sacudindo-o, continuou:

— Eu não falei de braços dados, mas talvez seja mais bonito, talvez...

— A quem estenderão os braços as encantadoras senhoras Abreus? — preguntou Joaquim.

— E na mata o que há? Javalis? Veados?

— Uma mesa posta com coisas estupendas! — lembrou Mário.

— Tal qual! — respondeu Suzette.

— E o russo quando vem? — preguntou Helena.

— Vem para a semana e com êle mais pessoas amigas da mamã; ficam hospedados lá em casa todo o mês de Setembro!

— Ande, Lisette, continue — pediu Hugo, ternamente.

— Come-se e bebe-se até às 7 ou mais. Depois torna-se a ouvir a trompa...

— Essa ideia da trompa de caça sem caça... — comentou, Mário.
— É original, não é? — disse Suzette, contente.
— E a tal parada agrícola? — preguntou Manuel.
— Para o cinema temos uma fita formidável! — tornou Suzete.
— Olhem — lembrou Francisca — o melhor é irmos agora para o pinhal com os nossos trabalhos e levar a merenda; está-se tão bem ao ar livre! e até podemos ouvir cantar o cuco!
— O cuco só canta na primavera — disse Alberto.
Maria da Luz exclamou:
— Que boa ideia, Chica! e o Joaquim lê alto enquanto trabalhamos.
Mas Lisette disse:
— Que estopada! não há livro que chegue à fala de cada um. Eu fartei-me de leituras e lições com a Miss Elliott; agora só gosto de tagarelices. E o cuco canta no pinhal ou não canta? — preguntou.
— Se canta! — respondeu Hugo. — A Francisca é que sabe uma história do cuco e do que se faz quando êle canta. Ora, na verdade, no verão é raro êle cantar; mas pode ser que se resolva a isso...
— O principal é pôrmo-nos a caminho. Vamos tratar das merendas — tornou Francisca.
E, dali a meia hora, seguiam todos para o pinhal e instalavam-se numa pequena clareira abrigada e encantadora.
— Ó Zé, estás amuada? — preguntou Manuel a Maria José da Cunha, que fazia «crochet» em silêncio.
Maria José não levantou a cabeça e murmurou:
— Não...
— Como laconismo bates o «record» — respondeu Manuel.
— Sabe-se a razão: a ausência do mano Pedro — disse Mário, espevitado.
Zé córou e disse:
— Eu sou de poucas falas e a mana Carmo diz-me sempre que é melhor eu falar pouco: porque se abro a bôca sai asneira...
— Ou entra mósca, concluiu Mário, a rir.
— Sabes, Lena, que o Nuno chega de África para a semana? — disse Maria da Luz, contente.
— Querido Nú! — respondeu Helena.
— O mano Jerónimo êste ano não vem — anunciou Lisette. — E êle está mortinho por conhecer vocês todas!
— Lisette, quando é que entram para a Juventude? — preguntou Francisca. — O senhor Prior já ontem falou nisso.
— A mamã disse que sim: que até acha bom porque todas essas associações religiosas são muito chics. — respondeu Lisette.
— Contanto que isso não nos traga trabalhos com gente ordinária; disso é que o papá não gosta nada — disse Suzette, enjoada.
Nessa altura, como para troçar das palavras de Suzette, ouviu-se distintamente do fundo do pinhal: Cucú! cucú! cucú!
Calaram-se todos, encantados, à escuta...
Depois dum momento, Francisca disse a rir:
— Olhem que se se deitarem de bruços com a cabeça virada para baixo e formularem um desejo enquanto canta o cuco, realiza-se êsse desejo!
Foi um riso geral e alguns estenderam-se no chão à espera do capricho do cuco... Mas, o cuco calara-se, e, do pinhal surgiu, inesperadamente, Alberto que se descobriu... ser o cuco!
— Bem sabem que em Setembro não canta o cuco, então quis eu dar-lhes essa ilusão!

(Continua)

CARTAS ÀS RAPARIGAS

Não, não e não, querida *Infanta* que me escreves as tuas opiniões sôbre a velha geração. Avaliarás tu bem a *enormidade* de que me falas tão simplesmente? Julgo que não; e por isso me encho de indulgência para te responder. Tu revoltas-te contra as pessoas de idade — *sempre prontas a criticar, a censurar, a depreciar as raparigas! Não vendo o valor delas! E afinal essas mesmas pessoas, quando eram novas, nem se incomodavam a pensar nos pobres, etc. etc. etc.* É certo que vós tôdas, raparigas de hoje, tendes uma mentalidade diferente da de há vinte anos. Melhor? Pior? *diferente*, é certo — daí tantos mal-entendidos. Mas deixem-me dizer-lhes já que no interêsse pelas crianças, como no respeito pelos velhos, só pode haver benefício para os adolescentes como vós: é sempre bom que entre as pessoas de idades diferentes haja um convívio constante e afectivo. E digo-lhes a vós, raparigas que andais às vezes pela vida fora cheias de... prosápia, olhando com inexplicável desdém para as pessoas que já estão no declinar da vida, fazeis-me lembrar, perdôem-me a franqueza rude, sim? aquelas tribus de selvagens africanos onde se queimavam os velhos como sêres inúteis...

Queridas raparigas, oiçam a voz duma amiga que só gosta de vos ver aprumadas, delicadas, civilizadas, cristãs, enfim: o desinterêsse, ou desdém, que vos merecem as opiniões e a maneira de sentir das anteriores gerações... são outras tantas fogueiras, dolorosas e cruéis!

Lembro-me sempre dum velho conto, que as antigas selectas publicavam: o neto pequenino, depois de vêr maltratar o avô, cujas mãos trêmulas haviam partido o prato de loiça, dando-lhe o filho o comer numa gamela de madeira, resolvera fazer uma escudela de pau, *para o pai comer quando fôsse já velhinho...*

E muito mais teria a dizer-vos sôbre a carta da jovem *Infanta*...

MARIA VAI CASAR

Vendo a irmã calada e pensativa a fazer o seu «filet», Marta preguntou:

— Estás tristonha, Maria?

— Fez-me impressão a última conversa com o Manuel, ontem à noite — respondeu Maria — Sabes, Marta, o que êle me disse? Que lhe reduziram o ordenado, imagina, e que o nosso viver terá de ser bem modesto...

— E então...?! — retorquiu Marta — O vosso amor um pelo outro estará dependente de mais ou menos dinheiro, Maria?!

Maria córou.

— Bem sabes que adoro o meu noivo, Marta: tanto que já consegui convencer os pais a deixarem-nos casar mais cedo do que se combinou. Mas a ideia de ter uma casa sem conforto, sem elegância, sem comodidades...

— Alto! — exclamou Marta — aqui não te deixo continuar, filha. Porventura o confôrto depende do luxo, da riqueza? Não, mil vezes não — Maria olhou-a admirada.

— Oh Marta como podes dizer uma coisa dessas? Vê lá tu o enxoval da Zéca, todo êle em sêda fina bordado à mão! A casa que êles alugaram nas Avenidas Novas onde nada falta! Mosaico no chão, tapêtes felpudos, casa de banho em mármore, lustres, chaminés, «chauffage»...

— Como tudo isso é pouco, é nada, como garantia de felicidade, em comparação com os requesitos sérios do casamento feliz: o amor, a confiança, a alegria, a coragem, a delicadeza... — tornou Marta.

— Mas a elegância da casa não é incompatível com êsses sentimentos todos! — disse Maria.

No princípio da vida de casados, Maria, podes crêr que um viver modesto, simples, abstraindo mais do mundo exterior, concentrando a vida na dedicação mútua, absoluta, é melhor! E que alegria quando, pouco a pouco, se vai conseguindo melhorar a situação material! Um movel que se compra, umas cortinas que se substituem, uns livros que se adquirem, umas obrasitas que se conseguem fazer...

— Talvez nem possamos ter creada, a princípio... — suspirou Maria.

— Ter a casa num brinco quando o marido chega do trabalho; o jantarinho apurado e bem feito; umas flôres ou verduras nas jarras, e a mulher bem penteada, elegante e arranjada, embora com simplicidade, que prazer incomparável, querida Maria! — tornou Marta, risonha.

— Tu achas?? — murmurou a irmã.

— E no que diz respeito ao luxo e ao confôrto, convence-te de que são duas coisas independentes uma da outra. Eu conheci há dois anos uma rapariga em Coimbra que casou com um estudante — isto é, casou pobre. Pois não calculas como era engraçada e confortável a casita onde moravam, perto de St.º António dos Olivais! A sala, que era pequeníssima, tinha um canapé feio e pesadão. Mas à fôrça de almofadas feitas por ela tornara-se confortável. A mesa, sôbre a qual estava um candieiro bojudo, de *abat-jour* claro, tinha livros convidativos à leitura, o cestinho do «tricot», um cinzeiro artístico, uma taça com flores, e evocava, na sua aparência, essa simples coisa tão profundamente boa e que tanta gente da vossa geração não sabe apreciar: *o serão familiar!*

— Deve ser bom, deve, um serão pacato entre marido e mulher... — observou Maria.

— Já vês que não era o *luxo* que dava a esta casinha de noivos o seu confôrto, a um tempo, moral, material... — e Marta calou-se, pensativa.

Receitas da outra guerra

As dificuldades de que agora sofremos já foram sentidas, talvez com mais agüidade, pelos nossos pais, durante a chamada «1.ª Guerra Mundial». Faltava o pão, as batatas, o açúcar, etc., e... o sabão. A falta dêste último é muito maçadora de suportar. Já nos habituámos todos, felizmente, a ser asseados! Por isso se rebuscaram receitas que então serviram para se fazer sabão em casa. Consegui encontrar algumas que aqui transcrevo. Sei que, na província, já se estão servindo delas, com resultado. Não é de tão fácil emprêgo como o de compra, ou por outra, leva mais tempo a derreter e outras vezes derrete de mais, mas é no entanto precioso, nos tempos que vão correndo. Nas casas de campo ou de cidades de província é fácil arranjar borras de azeite e sempre se pode pôr um panelão à lareira... As raparigas das grandes cidades talvez tenham família no campo, que lhes façam êsse serviço.

Portanto, aqui vão as receitas que espero dêem bom resultado.

Sabão branco

O sabão branco é feito da seguinte forma: Soda cáustica líquida que marque 56 graus ao pesa-sais, uma parte, azeite ou borras de azeite, duas partes. Deita-se o azeite ou as borras numa vasilha vidrada e assenta-se-lhe a soda gradualmente, mexendo continuamente com uma espátula de vidro, até que a composição tenha obtido uma consistência semelhante à da manteiga, deita-se então em moldes ou taboleiros de madeira apropriados para êsse fim, e deixa-se aí ficar até que o sabão fique duro. Corta-se em seguida em tiras e deixam-se secar ainda mais ao ar livre.

Lixívia

A soda cáustica líquida ou a lixívia usada pelos fabricantes de sabão, faz-se da maneira seguinte: toma-se de carbonato de soda, 5 quilos, cal viva em pedra, 1 quilo. Apaga-se a cal com água, delui-se em 12 litros de água, junta-se a soda e ferve-se pelo espaço de três quartos de hora, numa caldeira de ferro fundido, tendo o cuidado de ir deitando nova água em lugar da que se vai evaporando Passa-se em seguida por um pano, e depois de coado pelo mesmo, deita-se de novo o resíduo que ficou no coador, dentro da caldeira com nova água a qual ferve por um quarto de hora, repetindo-se esta operação ainda outra vez. Concentram-se os líquidos ao fôgo, começando pelos mais débeis até marcarem 36 graus no pesa-sais: deixa-se esfriar a-fim-de separar os sais estranhos à soda, deixando-os assentar. Reünem-se todos os líquidos de maneira que todos juntos marquem 36 graus. A isto é que se chama lixívia de saboeiro, a qual serve para fazer sabão com borras de azeite, banha, cebo, etc., pela maneira já descrita, na proporção de uma parte de lixívia para duas de gordura.

Sabão ordinário, económico

Êste sabão destinado para o uso doméstico vulgar, faz-se com facilidade, do seguinte modo: preparada uma lixívia feita de cinzas e de igual porção de cal; ferve-se cada 2 quilos desta mistura em 24 litros de água, pelo espaço de 1 hora, pouco mais ou menos. Depois deixa-se repousar até que esta lixívia se torne bem clara, côa-se e torna-se a ferver durante 1 hora ou hora e meia. Logo que esteja o líquido frio, vása-se para um alguidar vidrado, mistura-se-lhe 2 quilos de borras de azeite e mexe-se muito bem até que tome uma côr esbranquiçada. Passadas 2 horas deita-se-lhe nòvamente igual porção de azeite, mexe-se bem, deixando depois assentar. — Êste sabão não é fino mas serve bem.

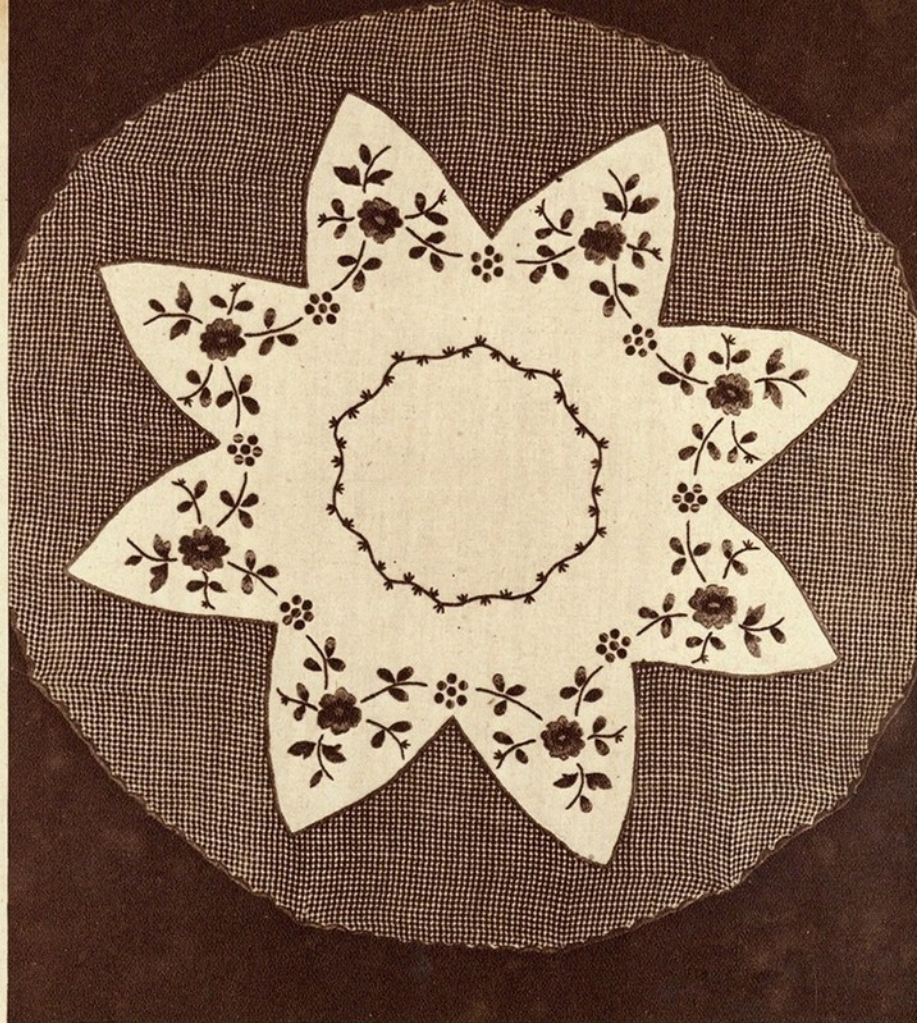
Francisca de Assis

TRABALHOS DE MÃOS

BORDADO DE CRIVO

ÊSTE BORDADO, APESAR DE SER UMA CRIAÇÃO DE FANTASIA, POIS OS BORDADOS DE S. MIGUEL NÃO TEEM CRIVO, RESULTA UM CONJUNTO INTERESSANTE.

O CENTRO, EM FORMA DE ESTRÊLA, É TRABALHADO NO CARACTERÍSTICO BORDADO DA ILHA VERDE, EM DOIS TONS DE AZUL.

Á VOLTA, O CRIVO É FEITO COM LINHA TAMBÉM AZUL.

(Conclusão da pág. 10)

tas brancas, e não esqueceu de colocar ao peito os emblemas da Mocidade e da Juventude Católica.

No quartinho de Maria Adelaide, D. Maria, enquanto vestia à pequena o seu vestidinho branco, que não era ainda o da comunhão solene, fazia-lhe sentir a grandiosidade daquele dia na sua vida. A pequenina recolhida e comovida escutava atenta a avòzinha feliz.

Às nove horas tôda a família recebia o sr. Bispo que D. Elena não conhecia, há tantos anos deixara a aldeia e há tantos que pelo Oriente andava levando o conhecimento de Deus aos infiéis!

O bom Prior fez alegremente as apresentações. Guida ficou envergonhadíssima ao ser apresentada, porque a boa disposição do pároco não a poupou.

— Dentro de pouco tempo terá V. Ex.ª R.ma que casar esta menina.

Na capela já estava a família Menezes e alguns primos de Viana.

A cerimónia começou, assistindo tôdas as criadas e muita gente da aldeia que tinha ocorrido ao toque do sino.

Quando à Comunhão a pequenina recebeu Nosso Senhor, a Mãe e a Avó choravam de alegria, tôda a família, criadas e amigas comungaram, unindo-se assim, numa adoração ao Senhor, àquela alma inocente que O recebia pela vez primeira.

Guida sentiu uma comoção enorme e reflectiu na grande responsabilidade de irmã mais velha, cujo exemplo tem tanta influência nos irmãos mais novos, e fez o propósito de se emendar dos seus defeitos. Em seguida, na sala azul foi servido o pequeno almôço. Em bandejas de prata circulavam as chávenas antigas, com chocolate, chá e café.

E enquanto se preparava o almôço, os homens todos, Guida e Maria Adelaide levaram o sr. Bispo e o sr. Prior à costumada visita ao jardim, à pérgola de onde se avista tôda a aldeia e o vasto Oceano, à mesa redonda, de pedra, da mata onde tantas vezes se toma o chá.

Á hora do almôço tocou a sineta e todos se reüniram com alegria e satisfação, e que agradável não foi a conversa, que o sr. Bispo com cintilante espírito, conhecedor da Europa e do Oriente, manteve em crescente interêsse.

Saúdes trocaram-se, em que sempre o espírito cristão predominou.

Á tarde, quando os convidados retiraram, Guida um pouco cansada pelo movimento daquele dia e pelas emoções que todos tinham tido, subiu a escadaria do jardim, atravessou a pergola e sentou-se só no monte, junto ao grande tanque que as hortênsias rodeiam, e vendo o pôr do sol que o outono tornava tão deslumbrante de coloridos, pensou no que se passara nesse dia, recordou a sua 1.ª Comunhão que lhe pareceu tão longínqua já, e olhando o vermelho do poente e as nuvens acasteladas do horizonte que faziam como que surgir da água uma grande cidade, com grandiosos monumentos que se desfaziam, num momento encarou sorrindo o futuro, com essa confiança que faz a grande fôrça da gente nova, e arquitectou palácios e castelos de sonho, que se desfariam talvez, como as nuvens do poente. E próximo, bem próximo estava o regresso a Lisboa, nesse futuro que a preocupava.

Maria d'Eça

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

Fotografia duma filiada

A MAIS DOCE RECORDAÇÃO

11 horas da manhã... O sol doirado e resplandecente, incide quási vertical sôbre o declive agreste da montanha...

A estrada, não muito larga, como enorme serpente, enrosca o monte em curvas e recurvas, em segmentos pequenos, passando aqui em desfiladeiro, além em precipício...

O calor sufocante, de um estio ardente, quási tropical, não impede a minha ascenção da montanha, ainda mesmo que coberta de suor, cheia de sêde e embranquecida pela daninha poeira levantada, não pelo vento, porque não sopra, mas pelas passadas dos caminhantes apressados...

É que em mim existe a ância de chegar ao cume onde, na capelinha branca e solitária, tão branca como um lírio imaculado, tão solitária como um eremita, entre cânticos divinos e flores perfumadas, entre velas acesas pontilhando altares, como estrêlas a brilharem no céu e incensos que se elevam até às alturas, quero assistir à cerimónia, simples e grandiosa simultâneamente, da primeira comunhão...

É o grande dia, o dia solene, em que o senhor, Cura veste os melhores paramentos, a capelinha se enche de galas, o cume da agreste montanha se acumula de povo e as crianças, almas sem mancha, de joelhos, perante o altar de Deus numa contrição profunda e numa emoção grandiosa se entregam risonhas a êsse Deus, e o recebem com o coração em festa...

Por isso me apresso naquela subida sem fim, com todos os sacrifícios, muito custosamente...

Quero chegar a tempo, ver o princípio da cerimónia, sem nada perder, abrindo bem os olhos do corpo para reter nos da alma a grandeza daquela apoteose, o deslumbramento daquele cenário...

. . . .

Já estou no cimo. Felizmente que aqui, uma pequena aragem, uma ténue brisa, refresca o ar e, vindo do sopé até ao alto, traz o cheiro sàdio do arvoredo, o perfume suave das flores que em casamento com o perfume das laranjeiras cercam a capela, produzem um odor penetrante e entontecedor...

Vê-se bem que é dia de festa...

Há flores desfolhadas no chão, há risos nas bôcas, alegria nos olhos, há palmas na porta da capela, há bandeiras e arcos no pequeno adro...

Tudo é lindo e risonho ...

Mas onde a festa é empolgante, de beleza sem par, é no interior engalanado e luzente da igrejinha policromada pelos panos de sêda e pelas colchas; é nos vestidos brancos e nos véus, é na pureza e na inocência, na candura e na fé das criancinhas...

Tudo é lindo e risonho...

. . . .

Num badalar alegre, cheio de magníficos sons, o sino da humilde tôrre anuncia a grande festividade.

O povo entra, eu também entro, e, na pequenez, no acanhamento da capelinha, onde não há a pompa das catedrais, os floreados da talha doirada das grandes igrejas, todos temos a impressão de que estamos mais perto de Deus...

Na humildade daquela parede caiada de branco, na pobreza daquele chão térreo, na singeleza da ornamentação, adivinha-se mais verdade e os corações sentem maior religiosidade...

É a voz do senhor Cura, voz cansada, sem arrebiques de forma, sem preocupações literárias, entra-nos na alma, vai-nos direita ao coração e impressiona-nos...

. . . .

No fim, de regresso, em descida pela vertente, a caminho do povoado, depois de impressionar o espírito com o que vi, vendo o esvoaçar das pombas soltas, como para levarem até ao céu a mais sincera promessa de Fé daquelas crianças, não posso deixar de invocar o dia da minha primeira comunhão... o mais doce dia da nossa vida... o mais alegre... Aquêle dia em que somos mais sinceros e até mais puros... E uma lágrima, suave como essa recordação, brandamente cai-me pelas faces.

É uma saüdade?

Talvez... mas é, acima de tudo, uma prece da minha alma reconhecida a Deus, por me ter feito sentir a doçura e magnanimidade dêsse dia de El ição.

Alibrail Ferreira Pinto Bastos da Costa Rebêlo

Filiada n.º 514

Jardim à Beira-Mar

Aqui há Luz! Há Paz! Por tôda a parte
O Sol palpita, afaga, morde, brilha!
O Minho, o Algarve; a fantasia, a arte,
Num painel invulgar de maravilha!

A enxada beija a terra alegremente...
A charrua velha, a foice e o malho,
Entoam todos, comoventemente,
O poema milenário do trabalho!...

No litoral, de Sul a Norte, o Atlântico
Murmura, para nós, o eterno cântico
Da sua fôrça a rir em convulsões.

E dentre as suas ondas verde-mar,
Eu julgo ouvi-lo, indómito, cantar
As èpicas estrofes de Camões.

Natércia Esteves e Melo

Filiada n.º 1684